

SERVIÇOS DE EXTENSÃO RURAL

CONCEITUAÇÃO — ORIGEM — CARACTERÍSTICOS

GERALDO O. D. MACHADO (*)

Devido ao fato de que a Agricultura não tem acompanhado no mesmo ritmo o desenvolvimento geral do nosso País, especialmente se tivermos em vista o seu progresso industrial e citadino, líderes e responsáveis pelos destinos da Nação têm procurado solucionar o fenômeno do desenvolvimento do complexo rural-urbano que está se formando no Brasil.

Nos meios agronômicos, aos quais em última análise está afeta a responsabilidade do progresso rural, vem se formando a consciência de que a Extensão, tal como em outros Países, é a única resposta a esse problema.

Infelizmente a palavra "Extensão" não explica satisfatoriamente a idéia que ela representa, embora seja a mais adequada na Língua Portuguesa. Começam então a surgir interpretações parciais, errôneas e até atentatórias aos seus princípios e objetivos, o que põe em perigo a sua aplicação integral e proveitosa no Brasil.

Evidentemente se algum órgão, rotulado de Serviço de Extensão, executar uma tarefa no Meio Rural em discordância com sua filosofia e métodos — fracassando consequentemente — o povo brasileiro poderá ter idéia de que a Extensão não é a solução do problema. O que realmente fracassou, porém, foi o órgão mal denominado e não a idéia que ele pretende ser portador.

Tudo se passaria como se — caso não houvesse uma consciência geral do valor da educação infantil — nós responsabilizássemos a idéia do ensino primário pela grande porcentagem de analfabetos ainda existente no País.

Não havendo uma consciência generalizada do que seja "Extensão", mesmo na profissão agronômica — pois infelizmente a matéria não faz parte do "curriculum" de nossas Escolas de Agricultura — cabe àqueles que no assunto trabalham e a ele dedicam seus estudos, não apenas afirmar

que a Extensão é a única solução para o problema do atraso do Meio Rural, mas também esclarecer a opinião pública do que seja um Serviço de Extensão e de como ele trabalha.

Extensão é algo novo para o Brasil. Não é apenas mudança de denominação de órgãos existentes e que continuam a aplicar os mesmos processos insatisfatórios no trato dos problemas da população rural. Estes estão se tornando cada vez mais agudos, exigindo portanto terapêutica nova, moderna, mais adequada e eficaz. Aliás, diz Timmer, o que importa não é a denominação de um órgão ou serviço, mas, sim sua filosofia e métodos de trabalho.

A Extensão é um novo modo de encarar o Homem Rural e consequentemente a aplicação de novos métodos na resolução de seus problemas. A base unitária de seu trabalho é a Família Rural, que devidamente estimulada e assistida, torna-se a alavanca do desenvolvimento da agricultura, pois só ela é capaz de resolver seus próprios problemas.

A Extensão nasceu nos Estados Unidos como consequência da maneira com que o povo daquela grande Nação encarava o problema do desenvolvimento rural, que é essencialmente de educação das famílias dos agricultores. Resultou de um processo evolutivo que durou cerca de 50 anos, e não de uma improvisação ou inspiração momentânea.

Há cerca de cem anos atrás, havia naquele País pouquíssimas oportunidades em suas escolas para que os jovens de ambos os sexos aprendessem Agricultura e Economia Doméstica. Tendo sido reconhecido pelo povo norte-americano daquela época a necessidade de educação nesses dois importantes ramos do saber humano, o Poder Federal foi solicitado a fornecer recursos aos Estados, com a finalidade de proporcionar essas oportunidades educacionais.

Assim, no ano de 1862 foi votada pelo Congresso uma lei, denominada "Morrill Act", pela qual o Governo Federal, tendo em vista a carência de recursos monetários reinante, foi autorizado a doar glebas de 130.000 acres de terras devolutas de sua propriedade aos Estados, afim de que estes pudessem proporcionar educação aos jovens, não só em Agricultura, como também em Economia Doméstica. Por isto a lei é conhecida como "Land Grant College Law".

Logo depois de estabelecidos, êsses "Colleges" sentiram a necessidade de fazer experimentação, pois pronto reconheceram ser impossível desenvolver a Agricultura sem a

adoação de novas técnicas, e isto só poderia ser feito depois de pesquisá-las e testá-las.

Alguns "Colleges" tinham suas próprias Estações Experimentais, porém de um modo geral havia necessidade de maiores recursos para todos, pois os problemas rurais eram muitos e exigiam soluções urgentes. Os "Colleges" passaram então a pedir maiores recursos ao Governo Federal. Finalmente em 1887 o Congresso votou nova lei, denominada "Hatch Act" ou "Experiment Station Law", pela qual o Governo Federal foi autorizado a fornecer recursos monetários aos "Colleges" a fim de que êles pudessem desenvolver a pesquisa em Agricultura e Economia Doméstica.

Com o passar dos tempos, os "Colleges" tornaram-se possuidores de muitos conhecimentos e de muitas técnicas úteis. Verificou-se entretanto que apenas uma pequena porcentagem de jovens de ambos os sexos do Meio Rural tinham oportunidade de neles ingressar a fim de aprender estas técnicas de Agricultura e Economia Doméstica. A grande maioria dos agricultores e suas espôsas não podiam ter esta oportunidade. Viviam êles em suas propriedades, isolados, não havendo pois possibilidade de fazer chegar ao seu alcance ensinamentos dos "Colleges".

Estes se preocupam sempre com o problema de fazer chegar aos agricultores o conhecimento dessas técnicas, pois só êles poderiam delas fazer uso imediato. Começaram pois em seus períodos de férias a convidá-los a frequentar os "Colleges" onde lhes eram ensinados novos métodos de trabalho, em curtos períodos de tempo. Nasceram assim as chamadas "Semanas dos Fazendeiros", os "Institutos de Agricultores", etc. Anualmente de 500 a 1.000 fazendeiros iam aos "Colleges". Estes entretanto eram uma minoria comparada com a grande massa que não tinha a menor chance de aprender algo, por pouco que fôsse, de Agricultura e Economia Doméstica.

Passaram então os "Colleges" a enviar técnicos, isoladamente ou em equipes, às comunidades rurais, para levar ensinamentos à massa de agricultores e suas famílias, técnicos êsses que logo regressavam. Originaram-se assim os chamados "Dias do Algodão" ou "do Trigo", "Semanas Rurais", etc., etc.

Mas, pronto chegou-se à conclusão de que êstes meios educacionais não atingiam seus objetivos, dado seu caráter temporário e intermitente. Por esta época, companhias de adubos, de inseticidas, de estradas de ferro e outras insti-

tuições, preocupadas com o problema, iniciaram também atividades de ensinamento aos agricultores com o fito de aumentar-lhes a produção.

Alguns "Colleges", porém, encarando com mais objetividade o problema, resolveram destacar técnicos seus para levar de maneira permanente êsses conhecimentos aos agricultores, convivendo com êles nos "Counties" (1).

Fred Frutchey descreve com humorismo a situação — "Maomet chamou a montanha. Como a montanha não quis vir a Maomet, Maomet foi à montanha". — Como o povo rural não vem aos "Colleges", êstes devem ir até êles — *extender* seus ensinamentos, em caráter permanente.

Iniciou-se desta maneira o trabalho de Extensão. Mas este não podia ser feito apenas pelos "Colleges", que não tinham recursos para tão grande tarefa. Assim apelaram para o Governo Federal. Em 1914, o Congresso Federal aprovou a chamada "Extension Law" (Smith-Lever Act) na qual o Executivo Federal é autorizado a fornecer recursos monetários aos "Colleges" para que pudessem êles estabelecer Serviços de Extensão, encarregados de levar ao Povo Rural por meio de ensinamentos, as novas técnicas de Agricultura e Economia Doméstica, por êles desenvolvidas.

Atingiu-se assim naquela Nação o objetivo pelo qual são fundadas as (1) — "County" divisão administrativa correspondente (mas não igual) ao nosso município. Escolas de Agricultura e Economia Doméstica: "Estudar todo o Povo Rural de um Estado, a fim de que êle possa acompanhar o progresso da civilização".

Daí dizemos que as Escolas Superiores de Agricultura e Economia Doméstica são as únicas dêste nível que têm responsabilidade educacional direta para com o Povo.

E um "College" (ou Universidade Rural como são entre nós denominados) só atinge suas finalidades quando tem juntos os três serviços: Ensino, Experimentação e Extensão desenvolvidos harmoniosamente, pois só desta maneira êle está apto a desenvolver o progresso do Meio Rural do Estado.

E' importante notar as datas acima: entre 1862 e 1887, passaram-se 25 anos e entre 1887 e 1914, 27 anos. Praticamente o intervalo entre uma e outra geração em cada caso. Isto faz pensar que uma idéia para se tornar vitoriosa e ser praticada de uma maneira generalizada, necessita de uma geração. Sabemos que os jovens gostam de mudanças adotando rapidamente novas idéias, ao passo que os velhos

são conservadores por índole. No espaço de uma geração, aquêles que eram velhos desaparecem; os novos tomam os seus lugares e suas idéias tornam-se dominantes. Mas, os jovens já se tornaram velhos e portanto conservadores e em seus lugares surgiram outros jovens receptivos a novas idéias, combatidas pelos velhos, repetindo-se o ciclo.

Está aí uma lição para todos nós. E' fatal que envelheçamos, mas vamos fazê-lo só de corpo, conservando a mente jovem e receptiva a novas idéias, não deixando o que aprendemos no passado interferir e prejudicar o que vamos aprendendo hoje ou no futuro. Isto é de grande importância para a Educação.

Compreendemos agora melhor o que seja Extensão, portanto estamos aptos a defini-la.

Segundo Kelsey e Hearne: "Extensão é um sistema educacional, fora das escolas, no qual adultos e jovens do Meio Rural aprendem de maneira prática".

Timmer diz que: "Extensão Rural é uma ciência aplicada, que trata da adoção e assimilação por parte das populações rurais, dos resultados da pesquisa no campo da Agricultura e da Economia Doméstica", ou Extensão é: "Agronomia Social Aplicada".

O Serviço de Extensão — Cooperative Extension Service — nos Estados Unidos, está estruturado da seguinte maneira:

No momento há grande interesse por parte de muitos órgãos governamentais em estabelecer Serviços de Extensão.

Nota-se que até órgãos especializados, fundados para tratar de problemas específicos, pretendem fundar secções ou serviços de Extensão, como se fosse possível resolver o problema geral, que é o atraso da população rural, resolvendo apenas um ou alguns problemas parciais.

A fim de esclarecer dúvidas e evitar emprêgo impróprio e errôneo da palavra, é necessário caracterizar um mínimo, para que um Serviço, qualquer que seja, possa ser julgado de Extensão. Para isto deve:

1. Executar um trabalho de educação informal

Toda a tarefa de Extensão é inteiramente educacional. Os extensionistas não podem e não devem exercer nenhum trabalho de inspeção, fiscalização ou de aplicação de leis reguladoras de política agrária do País. A única coisa que ela pode e deve fazer é sugerir, assessorar, recomendar, ensinar, enfim, educar as famílias rurais quando elas assim o desejam. Extensão é trabalho educacional no sentido mais amplo da palavra, tal como o entende Paul Kruise. O propósito de Extensão é provocar mudanças em *atitudes, conhecimentos e habilidades* do Povo Rural. Ou como diz Timmer: "provocar modificações no pensar, no querer e no agir do Homem Rural".

Isto porque Extensão reconhece que sua tarefa é desenvolver as pessoas antes das coisas.

Não se pode ter uma agricultura adiantada com um povo atrasado. O nível educacional do rurícola é que determina, mais que qualquer outro fator, o tipo de agricultura de um povo.

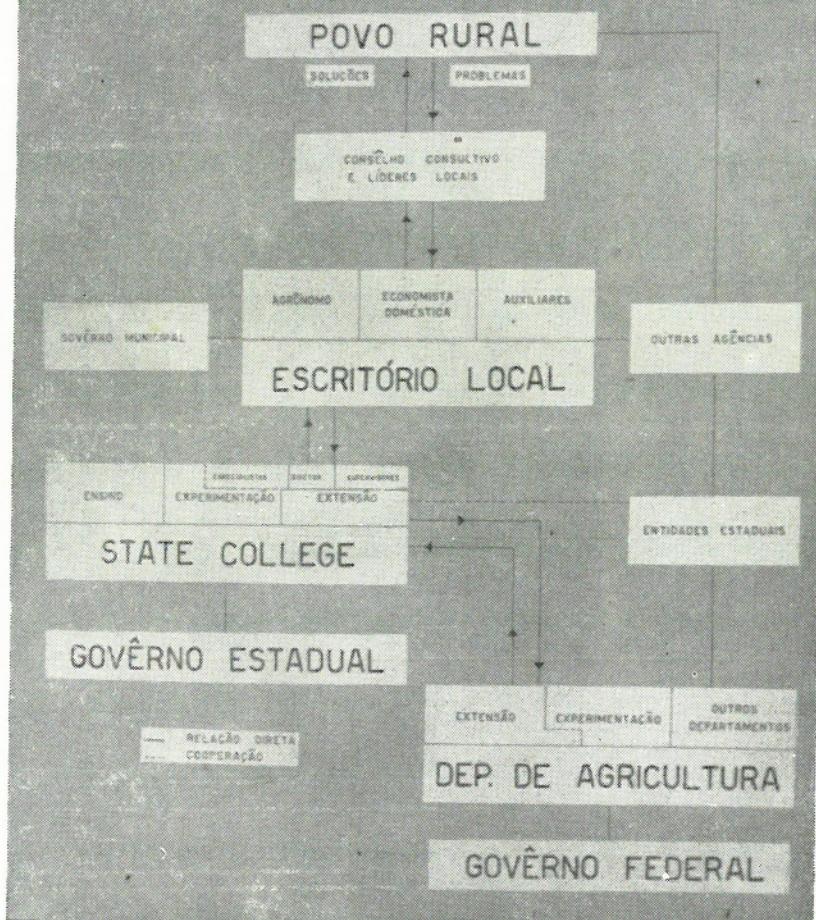
Logo, se quisermos modificar o panorama agrícola de um País, tornando-o mais de acordo com os progressos da civilização, precisamos elevar o nível profissional de seu Povo Rural, ministrando-lhe ensinamentos.

Todas as demais medidas, tais como dádivas ou vendas a preços baixos de melhores sementes, inseticidas, empréstimo de máquinas, etc., são contra-producentes, pois tornam o povo dependente desse tipo de assistência paternalista. A Extensão visa fazer com que o rurícola, utilizando seus próprios recursos, torne-se independente de ajudas estranhas. Nêle e únicamente nêle, é que está a solução de seus problemas. Por isto é princípio de Extensão que os Extensionistas não devem trabalhar para a Família Rural. A execução pelos técnicos de trabalho individual para os agricultores, não é educacional. O papel dos extensionistas é ensinar ao agricultor e sua família novos métodos e técnicas, e não executá-las para êles.

2. Atuar junto ao Povo Rural onde êle vive e trabalha

Vimos historicamente como nasceu a idéia de Extensão, e como conseguiu ela tornar-se vitoriosa. Isto porque os técnicos vivem no mesmo meio que os agricultores e não ficam à espera de que êles venham procurá-los.

COOPERATIVE EXTENSION SERVICE



E' importante que o agricultor aprenda como resolver seus próprios recursos e no lugar onde vive e trabalha. Não se pode pretender praticar Extensão trazendo agricultores para salas de aulas ou mesmo recintos de Escolas de Agricultura e Estações Experimentais e daí dar-lhes lições formais. Todo o ensino em Extensão é informal, com métodos próprios e as famílias rurais a êles acorrem voluntariamente, sem outro objetivo que o de aprender algo de novo. Nada mais anti-educacional em Extensão que reunir agricultores em salas, de aula ou não, e pretender que êles aprendam sómente ouvindo. Por isto Kelsey e Hearne em sua definição frizam "sistema educacional fora das Escolas".

Os extensionistas devem procurar os agricultores em suas propriedades e suas comunidades e aí discutir com os mesmos seus problemas e soluções.

O importante é nunca deslocar as famílias do Meio Rural para ensinar-lhes novas técnicas ou novos trabalhos em ambiente estranho. Por isto toda a metodologia da Extensão está adaptada para ser usada onde as famílias são encontradas.

Devemos sempre lembrar que a palavra Extensão provém do fato de procurarmos *extender* os ensinamentos às famílias de Agricultores que não tenham tido oportunidade de frequentar Escolas de Agricultura e Economia Doméstica.

3. Manter contato direto e permanente com as Comunidades Rurais beneficiadas.

O bom extensionista sabe que não deve haver intermediários entre êle e o Povo Rural; por isto procura estar em todas ocasiões em contato direto com êste. Sabe também que é tanto mais sucedido quanto mais integrado está nas comunidades em que trabalha. Isto êle consegue vivendo a vida do grupo, passando a fazer parte dêle, como um dos seus elementos, não sendo um estranho que apenas aparece para dar conselhos nem sempre pedidos.

Educação de adultos é tarefa que demanda tempo e paciência. Outrossim, os problemas que afetam o Povo Rural são muitos e vão mudando conforme vão sendo resolvidos. A medida que a Extensão vai realizando seu trabalho, os rurícolas vão tendo nova visão de suas condições de vida, de modo que muitas situações, que antes passavam despercebidas, vão sendo por êles sentidas, tornando-se problemas que êles desejam ver resolvidos.

Também o mundo progride e todos os dias surgem novos produtos, novas máquinas, novos inseticidas, etc., que visam facilitar ou melhorar o trabalho, aumentar os rendimentos, baratear a produção agrícola, etc. O Povo Rural precisa, para acompanhar o progresso da civilização, conhecê-los e aprender como dêles se utilizar. Isto é tarefa de Extensão, que assim adquiri um caráter permanente, como tôda tarefa educacional.

Para tanto é preciso que os Extensionistas mantenham contato e permanente com as Comunidades em que trabalham e não as frequentem apenas em intervalos espaçados.

4. Ensinar à Família a resolver todos os seus problemas

Os problemas que determinam o baixo nível de vida das Populações Rurais são muitos e têm as mais variadas origens. Não são apenas problemas técnicos (arte de trabalhar), mas também problemas econômico-sociais. São mais problemas do Homem que do solo, da planta ou do animal. Isto porque a Agricultura é o resultado da interação do binômio Homem + Natureza. O Homem, ordenando os fatores clima, solo, planta, animais, etc., encaminhando-os no sentido produção de bens que lhe são úteis e que dá origem à Agricultura. O papel do Homem é pois primordial, pois sem ele haveria apenas Natureza, nunca Agricultura.

Muitas são as influências exercidas sobre este Homem, ou melhor, sobre seu pensar, seu querer, seu agir.

Entre essas influências encontramos as de origem cultural, que condicionam a conduta dos agricultores em seu trabalho. E esta conduta é a grande responsável pelo nível de vida do Meio Rural.

O fazer de certo modo (ação) e o não fazer do agricultor (inação), ligando-se estreitamente à herança tradicional. Costumes, crenças, hábitos, etc., que predominam no meio em que ele vive e que ele aceita como definitivos, fazem com que o rurícola reaja desfavoravelmente a qualquer mudança, até que seja convencido de sua desejabilidade.

Não pode pois o extensionista ignorar a importância desses fatores que, quase sempre são problemas a serem resolvidos para a consecução do objetivo principal da Extensão.

Para a introdução de novas técnicas, novas culturas ou criações, novos hábitos, etc. tendentes a melhorar a renda ou o nível de vida de uma família, é necessário antes con-

siderar se isso se choca ou não (e em que grau), com princípios, crenças e hábitos aceitos pela Família Rural e pelo Meio em que ela vive.

Como exemplo citamos o fato de que a Experimentação determinou, há muito, que a melhor forma dos criadores de gado leiteiro criarem seus bezerros é o aleitamento artificial e que não é econômico, na maioria dos casos, a criação de machos, principalmente dos mestiços.

Entretanto, estas práticas não são aceitas facilmente no meio rural, porque o aleitamento artificial importa em modificação radical de hábitos higiênicos, a eliminação dos machos se choca com a crença de que é pecado matar animais de tenra idade e ambos estão em contraposição frontal com a crença de que as vacas só "decem o leite" quando os bezerros mamam, secando quando êles morrem ou são delas afastados.

O mesmo se pode dizer da adoção de fossas sépticas, porque necessidades fisiológicas são tabus no seio da grande maioria de nossas famílias rurais.

No entanto, sabemos que a verminose é um problema sério e uma das grandes causas do baixo nível de vida predominante no Meio Rural. Como êsses, podemos citar centenas de exemplos, de como crenças e hábitos desarrazoados influem na conduta do rurícola e como impedem seu progresso.

Os extensionistas devem pois encarar os problemas de uma família em todos os seus aspectos, quer sejam técnicos, econômicos ou sociais, ao tentarem introduzir modificações no pensar, no querer e no agir das famílias rurais. Caso contrário, estarão encarando os problemas de maneira incompleta e portanto sujeitos a fracasso.

E' pois sua responsabilidade ensinar a solução de todos os problemas que impedem a elevação do padrão de vida rural e não apenas os de técnicas erradas ou imperfeitas.

A essência do atrazo no Meio Rural é mais de caráter sócio-econômico que de caráter puramente técnico, como é julgada errôneamente por muitos.

5. Atingir diretamente tôdas as áreas do Estado

A Extensão deve cobrir tôda a área de um Estado. Isto porque: a) Não se justifica que ela esteja presente a um município e ausente de seu vizinho. Sendo Extensão tarefa democrática e apolítica, ela não pode, sem trair os

seus objetivos, dar preferência ao Município A em detrimento do B ou C, etc., porque todos êles necessitam de seu trabalho.

b) A Extensão deve ter continuidade, não só no tempo, mas também no espaço. Se a Extensão está presente em todos os municípios, a tarefa do extensionista do município A reflete-se no B e C, a do extensionista do município B, reflete-se no do A e do C, assim por diante, havendo continuidade do trabalho também em espaço, com maior proveito para todos.

Entretanto, para cumprir êste preceito não deve o Serviço de Extensão entregar aos Extensionistas áreas muito grandes em superfície ou população, porque assim o seu trabalho se diluiria e não influiria no panorama rural. O limite da área de influência de um extensionista se confunde (com raras exceções) com o de um município.

No início, é impossível a um Serviço de Extensão cobrir toda a área de um Estado. Não há pessoal habilitado, não há ambiente para isto. A Extensão deve então principiar por agrupamentos de municípios e elaborar um plano de expansão paulatino até atingir a toda área de um Estado. Isto demandará tempo, mas é tarefa do Serviço, concomitantemente com o trabalho com as famílias rurais, criar um ambiente para sua expansão, entre os dirigentes e o povo do Estado.

6. Atuar junto a todos os membros da Família = Pai — Mãe — Filhos

Houve tempo em que se julgava que para que o agricultor melhorasse sua vida, bastava que lhe ensinássemos como aumentar sua produção. Vimos que esta idéia não resiste à uma análise, porque a situação em que êle vive não tem apenas uma causa.

Isto fêz com que a base unitária do trabalho de Extensão passasse do agricultor para sua família.

Sendo o objetivo primordial da Extensão o levantamento do nível de vida das Famílias Rurais, é evidente que os extensionistas não devem apenas ensinar ao agricultor como aumentar sua produção.

Devem também procurar educar a Mãe de família, isto é, a espôsa do agricultor, para que ela conheça, aprenda e adote as práticas destinadas a melhorar os hábitos de vida da família, em alimentação, higiene, vestuário, moradia, etc., porque isto serve de estímulo, de motivação, para que o

agricultor produza mais. Não se comprehende pois um Serviço de Extensão onde não haja um forte trabalho educacional em Economia Doméstica.

Por outro lado a Extensão não pode e não deve preocupar-se apenas com o presente. Ela deve extender sua atuação educacional também àquêles que serão os agricultores e donas de casa do futuro: os filhos de agricultores, de ambos os sexos.

A êstes, principalmente os de famílias mais pobres, que não têm nenhuma oportunidade educacional fora da Escola Primária Rural — que apenas lhes ensina rudimentos de alfabetização, nada lhes ensinando sobre sua futura profissão — a Extensão deve proporcionar ensinamentos práticos de novos métodos de exploração da terra e de direção de um lar, para que êles não aprendam apenas com seus pais pois, isto seria a perpetuação da rotina.

Procedendo assim, a Extensão está facilitando enormemente a sua tarefa futura, para o bem do País.

Este tipo de trabalho dá frutos mesmo no presente, pois quantas vêzes se educam os pais através dos filhos!

A educação dos jovens pelos chamados Clubes de Jovens (do tipo 4 H dos Estados Unidos) é mais eficiente e mais barata que através das Escolas de Iniciação Agrícola, produzindo melhores agricultores e donas de casa, das quais êsse tipo de Escola não cuida.

7. Exercer tarefa educacional em três níveis:

Indivíduo — Família

Grupo — Comunidade

Massa — Município — Estado.

Não é tarefa do extensionista que apenas a família A ou a B adote uma técnica julgada essencial para o levantamento do seu nível de vida. É sua responsabilidade que tôdas as famílias de sua área de ação adotem tôdas as práticas recomendáveis. Isto só é conseguido depois que essas práticas passam a fazer parte da cultura do povo da área, o que não é possível conseguir trabalhando apenas individualmente com a família. É necessário que o Grupo ou Comunidade discuta as soluções, aprenda-as e adote-as. E não só o Grupo ou Comunidade, também a Massa ou População do Município ou Estado.

Ora, se pretendêssemos nos dirigir individualmente a tôdas as famílias, não só não haveria tempo, como também resultaria muito caro e pouco proveitoso, porque muitas famílias relutam em adotar certas práticas e só as aceitam, quando vêm que o Grupo as aceita.

Por isto a Extensão usa métodos que alcancem o Indivíduo, o Grupo e a Massa, o que além de facilitar e baratear o seu trabalho, cria ambiente para a aceitação das técnicas recomendadas por toda a população rural.

8. Possuir pessoal habilitado, tanto dirigentes como executores

A Extensão, para se estabelecer como Serviço, deve vencer o grande obstáculo representado pela escassez quase absoluta de pessoal habilitado. O fato desta ciência aplicada não fazer parte do "curriculum" das Escolas Superiores de Agricultura e Economia Doméstica, tem, como consequência, como dissemos no inicio, um desconhecimento completo do que ela seja, quais os seus objetivos e métodos de trabalho. Ora, sendo evidente que ninguém pode desempenhar satisfatoriamente uma tarefa sem estar devidamente habilitado, a Extensão deve inicialmente procurar habilitar seu pessoal, tanto de execução como de direção, para depois se firmar como Serviço e se expandir. Daí, nos países em que o trabalho é iniciado, a preocupação dos seus dirigentes em treinar o pessoal que vai aplicar e futuramente dirigir a Extensão. Não se pode importar técnicos para fazer aplicação direta do programa, pois a tarefa educacional exige integração total dos extensionistas com o Meio em que eles atuam. Dificuldades culturais tais como língua, hábitos, crenças e convicções, etc, quase sempre impedem que alienígenas se integrem e compreendam perfeitamente o Meio. A importação de técnicos deve ser feita apenas para habilitar os nacionais na execução da tarefa extensionista. Esta não pode ser feita empiricamente, como é crença geral para toda idéia nova, em todos os tempos.

A execução do programa com leigos, empíricos, desconhecedores do assunto (mas audaciosos), só pode retardar e prejudicar o progresso da idéia.

9. Ter Programa e Objetivos definidos

O objetivo primordial da Extensão é elevar o nível de vida das populações rurais. Para isto ela tem que ensinar o Povo Rural a reconhecer as causas d'este baixo nível e

ensinar-lhe meios de removê-las com seus próprios recursos. Vimos que estas causas são muitas e têm as mais diversas origens, atuando uma sobre as outras, agravando-as.

A Extensão deve pois elaborar seu Programa de trabalho a curto e a longo prazo, estabelecendo também objetivos parciais a serem alcançados, pois, caso contrário, os extensionistas se perderiam no emaranhado formado pelos múltiplos problemas que têm de ser enfrentados e resolvidos para se chegar ao objetivo principal.

O Programa deve prever quais os problemas mais urgentes a serem atacados de preferência, levando em consideração não só o seu grau de intensidade, como também os desejos da população rural e sua receptividade para as soluções.

Os objetivos no inicio não devem ser ambiciosos, pois a tarefa inicial dos extensionistas é fazer com que o Povo Rural aceite um novo tipo de trabalho que não lhes faz dádivas. À medida que o tempo avança e que a Extensão ganha a confiança das populações rurais, estes objetivos vão se tornando mais amplos, até chegar ao objetivo final. Passa então a Extensão a trabalhar para que o nível de vida das famílias rurais não caia, e sim acompanhe o progresso da civilização.

Se um Serviço de Extensão não tem um programa escrito, formalizado, não é realmente um Serviço de Extensão.

10. Cooperar com outras entidades, Governamentais ou não.

Resolver todos os problemas que afetam a população rural, diminuindo-lhe a produção e tornando o seu nível de vida extremamente baixo, não é tarefa apenas para uma Organização. A Extensão não é como certas panacéias de uso universal, dessas que curam tôdas as doenças do alfabeto A a Z, do artritismo à zonulite, passando pela brucelose, coqueluche, difteria, etc.

A Extensão não tem a pretensão de resolver todos os problemas dos agricultores. Existem muitas entidades, governamentais ou não, que se dedicam à solução de certos problemas específicos do Meio Rural, tais, como por exemplo, os de saúde, higiene, crédito, educação formal, etc.

A Extensão procura então cooperar com estas entidades, tornando-as mais conhecidas do Povo Rural, que elas se propõem beneficiar, encaminhando o rurícola e ensinando-

o como se utilizar, em seu proveito, do trabalho destas organizações. A cooperação entre a Extensão e outras entidades faz com que sejam removidas muitas causas que impedem o progresso rural.

O verdadeiro trabalho de Extensão é sempre um trabalho de cooperação, e o verdadeiro extensionista é aquele que está sempre disposto à cooperar com todos em benefício do Povo Rural.

BIBLIOGRAFIA :

- Frutchey, Fred P. — Notas de uma “Palestra Sobre Extensão” no New México College of A. and M. A. em 1951.
- Kelsey-Hearne — Cooperative Extension Work.
- Timmer W. J. — Planejamento do trabalho em Extensão Agrícola.
- U. S. D. A. — Experience With Human Factors in Agricultural Areas of the World.